

# INFLUÊNCIAS DA ESCOLA E DO GRUPO DE AMIGOS NO PAPEL SOCIALIZADOR DA CRIANÇA<sup>1</sup>

## *SCHOOL AND FRIENDS INFLUENCE ON CHILDREN'S SOCIALIZING ROLE*

Ângelo Leomir Oliveira<sup>2</sup>

Diane Diesel<sup>2</sup>

Elisângela Panosso de Freitas<sup>2</sup>

Francieli Cristina Sponchiado<sup>2</sup>

Elisângela Argenta Zanatta<sup>3</sup>

Cleci Terezinha Perosa<sup>3</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho relata a experiência vivenciada pelos acadêmicos do curso de Graduação em Enfermagem em uma instituição escolar, na qual foram realizadas atividades lúdicas com as crianças

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na disciplina de Saúde da Criança e do Adolescente, VIII semestre do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões Campus de Frederico Westphalen.

<sup>2</sup> Acadêmicos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões Campus de Frederico Westphalen.

<sup>3</sup> Orientadoras do artigo. Professoras da disciplina de Saúde da Criança e do Adolescente do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões Campus de Frederico Westphalen.

possibilitando a identificação de vários aspectos influenciadores no desenvolvimento normal das crianças na fase escolar.

**Palavras-chave:** Criança. Escola. Enfermeiro.

## 1 INTRODUÇÃO

O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (2006) considera criança a pessoa com até doze anos de idade incompletos. O ECA expõe que é dever da comunidade, família, da sociedade em geral e do poder público garantir, com total prioridade, a efetivação dos direitos relacionados à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária das crianças.

Assim, podemos perceber a grande responsabilidade que as escolas, as famílias e também a comunidade possuem diante do papel socializador das crianças em idade escolar. Essa fase do desenvolvimento do ser humano também merece atenção particular e, é por este motivo que tivemos a intenção de pesquisar como particularmente a escola contribui para a socialização das crianças.

O profissional enfermeiro frente às novas perspectivas da sociedade precisa engajar-se nesse papel socializador, inserindo-se, pesquisando, estudando, buscando entender e analisar cientificamente a realidade atual, para somente assim contribuir com a transformação da realidade.

### **Objetivos deste artigo:**

- Discutir o papel socializador dos grupos de colegas/ amigos em crianças com idade escolar.

- Discutir o papel de uma escola na socialização da criança em idade escolar, bem como do seu desenvolvimento.

## **2 REVISÃO DE LITERATURA**

### **2.1 A Influência da família no papel socializador da criança**

A família tem um papel importante e influenciador no desenvolvimento normal das crianças, pois a mesma transmite valores e conhecimentos que fazem parte de influências primárias na formação da personalidade da criança, embora também seja necessário o convívio com os grupos de colegas pois estes também são influenciadores no seu desenvolvimento (WONG, WHALEY, 1999).

Na fase escolar as crianças tendem a querer passar a maior parte do tempo com os colegas, ficando ansiosos para sair de casa, preferindo muitas vezes as atividades com o grupo de colegas às atividades familiares. É nesse momento, também, que as crianças começam a se tornar intolerantes e críticas quando os pais não têm atitudes que correspondem às do grupo de colegas. Elas descobrem que os pais em certos momentos podem estar errados questionando assim a autoridade dos pais que antes eram vistos como donos da verdade, sábios e detentores do poder (WONG; WHALEY, 1999).

Embora nessa fase a independência esteja aumentada, as crianças ainda não estão preparadas para abandonar o controle dos pais. Elas precisam de alguém que lhes restringem certas coisas e determinados comportamentos, pois ainda não estão preparadas para lidar com problemas de seus ambientes em expansão. Além do mais elas se sentem mais seguras ao saber que têm alguém com autoridade maior que elas para contornar certas situações. Apesar de as crianças queixarem-se muito das restrições, elas respeitam muito os adultos em quem confiam, pois sentem este comportamento como uma espécie de amor e preocupação (WONG; WHALEY, 1999).

As crianças também precisam de seus pais como adultos e não como cúmplices de seus atos. Nos momentos conturbados em que elas se depararem com seus colegas ou com situações estressantes em seus mundos, elas precisam de alguém com força para lhes proporcionar segurança, apoio e orientação para a melhor atitude a ser tomada diante de situações de conflitos com seus amigos por exemplo, e são os adultos,

mais especificadamente os pais, que colaboram para que situações deste tipo sejam contornadas (WONG; WHALEY, 1999).

Porém muitos pais, devido às rejeições das crianças, pensam que sendo cúmplices é a maneira mais correta de demonstrar amor e gratidão, sem perceber que muitas vezes estão dando muita liberdade para a criança, não impondo limites essenciais para um desenvolvimento saudável. Diante disso, a criança poderá se frustrar toda a vez que alguém a impedir de fazer algo que queira fazer (WONG; WHALEY, 1999).

Uma família com base firme, amorosa e que sabe conter os impulsos da criança em momentos certos, transmite à criança autoconfiança e maturidade suficiente para que ela mesma possa se desligar do grupo e ficar independente.

## **2.2 A Influência da escola no papel socializador da criança**

A fase escolar é de extrema importância para a criança no seu desenvolvimento, pois ela aprimora os valores que a criança traz consigo do âmbito familiar, e proporciona também vários conhecimentos para melhorar o seu aprendizado, que irão influenciar, de certo modo em seu futuro. A escola não somente foca o aluno em si, ela vai muito além disto, trabalha com o contexto e com a realidade familiar de cada aluno.

Levando em consideração que a família é a grande responsável pela construção das atitudes de respeito, higiene, obediência, responsabilidade e pelo cumprir horário podemos aqui dizer que a escola possui um papel formativo no sentido de cumprir horário, ter respeito, ter higiene, prestar atenção e ter responsabilidade (ARAÚJO, 2006).

A escola tem como responsabilidade proporcionar uma construção do conhecimento para com os alunos, sendo principalmente a pré-escola considerada uma etapa crucial na escolarização e no futuro fracasso ou sucesso das crianças (ARAÚJO, 2006).

Estudos têm demonstrado que o processo educacional, mesmo atendendo à alfabetização, é de fundamental importância para preparar os alunos para o mundo das letras e dos números. Fica cada vez mais

evidente que o ensino escolar é ainda mais importante para os mais pobres, aqueles que não têm acesso em casa aos livros, à leitura, filhos de pais de baixa escolaridade. As crianças mais pobres, via de regra, possuem poucos estímulos para o desenvolvimento cognitivo e vocabular e esses são fatores limitantes e diferenciados da futura trajetória escolar (ARAÚJO, 2006).

Uma pré-escola eficiente em termos de aprendizado exercera influência positiva em todo o fluxo escolar e ainda, será um fator de redução de desigualdades (ARAÚJO, 2006).

As atividades como percepção visual, percepção visomotora, coordenação motora, percepção auditiva, linguagem oral, percepção gustativa e olfativa, percepção tátil, Educação Artística e Educação Física integram o processo de aprendizagem da criança, considerando os estágios de seu desenvolvimento, aceitando-a e desafiando-a a pensar. O ambiente que estimula a atividade criadora da criança, além de contribuir para o seu desenvolvimento global, estará, certamente, favorecendo a aproximação da criança à realidade escolar (ARAÚJO, 2006).

A questão da educação básica constitui, hoje, um dos pontos mais graves a serem enfrentados por uma política responsável, para que o país possa desenvolver-se de forma mais rápida e reduzir os desequilíbrios sociais. Ante as enormes deficiências do sistema educacional, foram estabelecidas prioridades que contemplam as necessidades da maioria da população (BRASIL, 2006).

O problema, entretanto, não é de fácil solução, uma vez que depende da ação autônoma de estados e municípios, entre os quais existem enormes diferenças. Para melhorar a qualidade do ensino, é imprescindível aumentar o aporte de recursos públicos à educação fundamental e valorização dos docentes.

Em relação a essa afirmação, o Ministério da Educação (2006) coloca:

é preciso definir com mais clareza, na própria Constituição, as responsabilidades dos estados e municípios, bem como garantir uma distribuição mais eqüitativa dos recursos disponíveis. Atualmente, cada

estado e cada município deve aplicar em educação um mínimo de 25% de suas receitas de impostos, sendo a metade, pelo menos, no ensino fundamental e na erradicação do analfabetismo.

De acordo com o Ministério da Educação (1990), a Proposta de Emenda Constitucional que o Governo encaminhou ao Congresso institui um fundo contábil no âmbito de cada estado, composto por 15% da receita de impostos do estado e de todos os seus municípios. Os recursos deste fundo serão rateados entre o estado e seus municípios, de acordo com a quantidade de alunos matriculados nas respectivas redes de ensino de 1º grau.

Com o advento da Constituição de 1988 e dos diplomas legais complementares, o panorama jurídico alterou-se significativamente, em especial no que diz para com a educação infantil e o ensino fundamental da criança e do adolescente (ARAÚJO, 2006).

Portanto, a constituição tem como objetivo desenvolver instrumentos que possam monitorar a qualidade, equidade e eficiência da educação brasileira, bem como subsidiar a fórmula.

Segundo preceitua o artigo 1º da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”.

Sobre o desenvolvimento na família, Marini e Mello (1999, p. 68) relatam que:

a relação família-escola é, hoje, tema em destaque na discussão sobre a garantia do sucesso dos alunos na escola. Frequentemente ouve-se dos professores que o apoio da família é essencial para o bom desempenho do aluno, porém, muitas vezes essa expectativa de ajuda torna-se fator de acusação, atribuindo-se à família toda a responsabilidade pelo mau desempenho escolar da criança. Quando se tratam de crianças

provenientes de classes populares – maioria da população que sofre o chamado fracasso escolar – há de se reconhecer que um modelo de família e de relacionamento entre pais e filhos é tomado como parâmetro.

A permanência na escola constitui-se no maior desafio da educação escolar brasileira, porque os indicadores de exclusão ainda ilustram de forma constrangedora as resenhas estatísticas. Cabe assinalar, no entanto, que a falta da criança ou do adolescente às aulas ou o gradativo abandono da escola, assim como a repetência do ano escolar, deixaram de ser questões de foro interno da instituição de ensino (ARAÚJO, 2006).

O Estatuto da Criança e do adolescente (1990) cerca a escola com uma rede de atores e de providências, concebidos para auxiliá-la no cumprimento de sua missão. Nesse particular, o direito à educação não é mais tão só o direito à vaga, mas é o direito ao ingresso, à permanência e ao sucesso.

Acreditando que é preciso conhecer a perspectiva da família de crianças de baixo desempenho e frequência escolar, provenientes de classes populares, para buscar caminhos de superar a visão maniqueísta que muitas vezes a escola tem da relação família com a instituição (ARAÚJO, 2006).

Segundo estudos do Ministério da Educação (2006), em uma pesquisa realizada em São Paulo pelo próprio Ministério no ano de 2005, houve uma aproximação das perspectivas e da dinâmica social das famílias, tornando-se possível perceber alguns elementos que permeiam as suas formas próprias de relacionamento, como a maneira de criar os filhos, fazendo diferença entre meninos e meninas; a preocupação em resguardar sua infância, mantendo-os longe do trabalho e dentro da escola, para conquistarem um futuro melhor do que aquele que tiveram para si; o medo das drogas e da violência que as angustiam e fazem manter as crianças dentro de casa, e a influência da escola na visão que as mães têm de seus filhos.

Pertencentes a uma classe popular, as famílias constituem

concepções e lógicas próprias de vida, e que são, segundo Fonseca (1989), negadas pela ideologia liberal, que desconsidera sua identidade histórica. Solidárias, reúnem-se em pequenas casas, além da família celular, membros da família extensa e vivem sob precárias condições de vida, sofrendo as pressões do mercado competitivo.

Segundo Tedrus (1998), com base na restrição que sofreram em suas próprias infâncias, ingresso muito cedo no mundo do trabalho mal-remunerado, que retirou delas o espaço de brincar e de estudar, as mães desejam para seus filhos uma vida melhor, tanto na infância como na vida futura. Para isso, mostram-se preocupadas em resguardar a infância de seus filhos, longe do trabalho precoce e atribuem à escola um papel fundamental como via de acesso a uma boa educação e a um futuro próspero. Cabe, aqui, resgatar as reflexões de Tedrus (1998), no que se refere à categoria infância, sendo concebida pelos adultos como um estado passageiro, a criança não é, ela vai ser, ou seja, ela existe para ser adulto e é vista supervalorizada, mas como um problema a ser resolvido. Neste momento, as mães se posicionam como amparo aos filhos, garantindo-lhes condições para que seu futuro seja diferente daquele que tiveram para si.

O lugar central que as mulheres ocupam na educação das novas gerações, o que leva Carvalho e Vianna (1994, p. 150) a destacarem o papel das mães em instâncias da esfera pública: a responsabilidade atribuída às mães em relação aos cuidados e educação de seus filhos, ao seu acompanhamento na escola, para garantir com sucesso seu processo de escolarização, permite que elas ocupem um papel totalmente diferenciado dos demais atores coletivos em algumas das instâncias da esfera pública. Mesmo diante de todos os desencontros que sofrem na escola, as famílias de classe popular, ainda assim, priorizam a presença de seus filhos na instituição, já que ela parece ser uma das únicas possibilidades de uma vida melhor. O fato de seus filhos poderem frequentar a escola, sem terem de trabalhar, já é em si significativo para essas mães que não tiveram a mesma oportunidade que, agora, podem oferecer aos seus filhos.



### **2.3 A Influência dos grupos de amigos no papel socializador da criança**

Nesta etapa do desenvolvimento da criança o principal agente socializador são os grupos de amigos. Com eles as crianças exploram tanto idéias quanto o mundo que os cercam. É com os grupos de amigos / colegas que as crianças adquirem um certo conhecimento que é essencial para o seu desenvolvimento nesta fase da vida, sendo que a identificação com os colegas tem grande influência no que se refere à independência dos pais. É nesta fase também que as crianças distinguem a função sexual, sendo influenciadas por grupos de colegas, pois é aí que as brincadeiras começam a ser divididas entre meninos e meninas (WONG; WHALEY, 1999).

A convivência diária com as pessoas de mesma faixa etária permite que haja maior interação social em atividades de grupos, aumentando o entusiasmo e a participação, fato este que permite às crianças perceberem que têm idéias diferentes, tornando-as cientes dos limites dos seus próprios pontos de vista. Isso faz com que a criança opine e argumente sempre tentando manter a amizade e a opinião do outro (WONG; WHALEY, 1999).

Nesta fase as crianças estabelecem padrões para aceitação e rejeição, ou seja, a aceitação dos colegas torna-se fundamental para elas, incidindo na maneira como se vestem, nas coisas que falam, na maneira como se comportam, tudo está relacionado com a aceitação do grupo. Várias funções como o herói da turma ou o brincalhão da turma podem ser assimiladas pelas crianças para ganharem a aprovação do grupo. É aqui também que surgem os melhores amigos, principalmente do mesmo sexo, devido à intensa interação que há entre eles (WONG; WHALEY, 1999).

Wong e Whaley (1999, p. 399) revelam que:

a idade escolar é o período em que as crianças possuem os melhores amigos com os quais elas compartilham segredos, brincadeiras particulares e aventuras; elas vêm em auxílio

da outra quando há necessidade. No curso dessas amizades, as crianças também brigam, ameaçam, separam-se e se reúnem.

Essas relações conflituosas nas quais as crianças provam amor e proximidade são importantes bases para os relacionamentos heterossexuais na vida adulta. Porém, embora seja essencial a identificação com os grupos, existem pressões por parte dos mesmos que tendem a forçar as crianças a seguirem um caminho de risco, mesmo contra seus princípios, resultando em violências de gangues (WONG; WHALEY, 1999).

Além do mais, é nesta fase que os pais e educadores incentivam as crianças a terem responsabilidade com sua higiene pessoal e com seus pertences, estimulando sempre a cooperação entre os colegas e o trabalho em conjunto.

### **3 METODOLOGIA**

Essa experiência foi vivenciada pelos acadêmicos do VIII semestre do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões Campus de Frederico Westphalen, e ocorreu no 2º semestre de 2006, contando com a participação de alunos da 4º série de uma determinada escola de ensino fundamental do município de Frederico Westphalen.

Foram trabalhados determinados assuntos, descritos a seguir. As crianças desenvolviam atividades em grupo, com o intuito de observar as atitudes, reações, vínculos e convívio dessas crianças em idade escolar com este grupo socializador.

As atividades desenvolvidas foram: dinâmica de apresentação, explicações sobre higiene corporal e oral, teste de acuidade visual, índice de massa corpórea (IMC), explicações sobre alimentação saudável, construção da pirâmide alimentar e confraternização de encerramento. Tais atividades aconteceram da seguinte forma:

Higiene corporal e oral: Realizamos uma dinâmica de apresentação (dinâmica dos balões); a turma foi dividida em dois grupos

(meninos e meninas) para realizarmos explicações sobre higiene corporal e oral. Os alunos desenharam em papel pardo a figura do corpo humano que serviu como modelo das explicações sobre higiene corporal e oral. Em seguida, todos sentados em círculo ao redor do cartaz, foram dadas explicações sobre higiene corporal e oral bem como sobre as modificações hormonais dessa fase.

Também foram esclarecidas as dúvidas que surgiram no decorrer da explicação, utilizando para isso, como suporte, o Atlas de Anatomia e Saúde e o mapa do Corpo Humano. No final os dois grupos escreveram um relatório das atividades desenvolvidas naquele período.

Teste de acuidade visual e índice de massa corpórea (IMC): novamente dividimos a turma em dois grupos, sendo que desta vez os grupos eram compostos por meninos e meninas. Em um dos grupos foi realizado o teste de acuidade visual e, ao mesmo tempo, foi realizado com o outro grupo o índice de massa corpórea (IMC) pesando e medindo os alunos. Esta atividade foi realizada com os dois grupos respectivamente.

A alimentação, pirâmide alimentar e confraternização de encerramento: foi realizada uma breve explicação sobre os diferentes tipos de alimentos e suas importâncias para o desenvolvimento e sobrevivência dos seres humanos, (pirâmide alimentar). Posteriormente, foram realizados recortes em revistas, pelos alunos, e a posterior montagem da pirâmide alimentar em forma de cartaz, o qual foi fixado na sala de aula. Para o encerramento foi realizada uma confraternização entre os alunos e estagiários, através da produção de uma salada de frutas.

#### **4 CONCLUSÃO**

A partir dessas atividades, observou-se que houve um interesse e participação por parte das crianças no sentido de questionar e opinar, demonstrando interesse em determinados assuntos abordados.

Percebemos que é uma fase de transformações, incertezas, inseguranças e dúvidas frente às mudanças corporais e à aceitação dos grupos de amigos. Identificamos uma certa dificuldade em criar vínculos

de amizade nas crianças mais tímidas em relação às mais comunicativas.

Contudo, mesmo havendo afinidades entre uma criança e outra, identificada a divisão de dois grupos, ou seja, é a divisão por diferença de sexo, meninas reúnem-se com meninas e meninos reúnem-se com meninos.

Destaca-se a importância do profissional enfermeiro, nesta fase do desenvolvimento humano, procurando esclarecer as dúvidas, proporcionando tranquilidade ao demonstrar que esta é uma fase normal do desenvolvimento humano.

Enquanto acadêmicos de Enfermagem, tivemos a oportunidade de perceber que o profissional enfermeiro tem significativa importância quando inserido no meio escolar, desenvolvendo atividades educativas e norteadoras, orientando o aluno nas suas dúvidas sobre determinados temas trabalhados, tabus e ansios, oferecendo orientação que muitas vezes não são esclarecidas pelos pais.

Vale ressaltar que tivemos uma satisfação em realizar esta atividade com esse grupo de crianças, obtendo aceitação dos mesmos por meio de relatos e demonstrações de agradecimento, as quais emergiram por parte de professores e funcionários da Instituição de Ensino Fundamental, demonstrando-nos interesse em dar continuidade a esse tipo de atividade no dia-a-dia escolar.

***ABSTRACT:** This essay reports nursing undergraduates experience at a school institution, in which funny activities were developed with children so as to make it possible to identify various influential aspects on the school children normal development.*

***Key Words:** Child. School. Nurse.*

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, C. H. **Seminário internacional de educação, pobreza e desenvolvimento.** Disponível em [www.missaocriocanca.org.br/seminario](http://www.missaocriocanca.org.br/seminario). Acessado em 15 de Agosto de 2006.

ARAÚJO, W. **Núcleo de estudo e pesquisa na infância.** Disponível em: [www.missaocriocanica.org.br](http://www.missaocriocanica.org.br). Acessado em 20 de Setembro de 2006.

CARVALHO, M. P.; VINNA, C. P. Educadores e mães de alunos: um desencontro In: BRUSCHINI/SORJ (Orgs.). **Novos olhares: mulheres e relações de gênero no Brasil.** São Paulo, Marco Zero/FLL, 1994.

FONSECA, C. **Quando cada caso não é um caso:** pesquisa etnográfica e educação. Revista Brasileira de Educação. São Paulo: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, abril, 1999.

LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.** Disponível em <http://www.planalto.gov.br>. Acessado em 09 de setembro de 2006.

MARINI, F.; ROSELI, R. M. **Relatório de pesquisa.** São Carlos: UFSCar/DME, 1999.

TEDRUS, D. M. A. S. **A relação adulto-criança:** um estudo antropológico em creches e em escolinhas de campinas. Campinas: CMU/Unicamp, 1998.

WONG, D. L.; WHALEY, L. F. **Enfermagem pediátrica.** 5 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999.